

PORTO ACADEMICO

QUINZENARIO DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Redactor:
JOAQUIM PERRY GARCIA

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:
Rua Antero de Quental, 213 - Porto

Director - A. G. DOS SANTOS NOBRE

AVULSO, \$20 Centavos - TRIMESTRE, Esc. 1\$20

Editor:
MANUEL FERREIRA DOS SANTOS

Comp. e imp. na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO
Rua Santa Catarina, 326 - Porto

GOMES TEIXEIRA

O ilustre sábio, professor da Faculdade de Ciências da Universidade, recebeu o nosso Director o seguinte que transcrevemos:

Muito obrigado por me ter enviado o Porto Académico para esta aldeia. Li-o com muita satisfação e agrado. Desejo que tenha vida longa e próspera.

Quando regressar ao Porto escreverei o artigo que prometi.

Acete muitas felicitações e a expressão dos meus sentimentos de simpatia.

J. Gomes Teixeira

Nunca nos abandone o grande sábio e continuaremos sempre a nossa obra, com a sinceridade da nossa alma de académicos.

COLEGAS:

Academia do Porto, grandes vantagens pode tirar das valiosas energias que possui. Abandonemos a existência de prisioneiros e procuremos ao ar livre, à luz do sol, entre os perfumes das flores, entre as maviosas canções do rouxinol, o sonho querido das nossas capas, digno da pena dum grande poeta.

O Orfeão Académico do Porto, foi o primeiro capítulo desse sonho que pôde e deve ser uma obra em muitos volumes.

Afastemos para longe as misérias humanas e procuremos entre essas capas rötas e velhinhas, as que deverão abrir o segundo capítulo. Se ao voltar da esquina, nos aparecer a cara monstruosa da Preguiça, caminhemos sempre que atraz de nós outras capas negras, lutam com o vento e veem a socorrer-nos.

Por isso, levantemos bem a frente e pensemos no que deverá primeiro fazer-se.

O Porto Académico, começa por lembrar a quem superintende nos interesses da nossa Academia os dois factores que melhor podem elevar-nos embora seja difícil executá-los.

Formação de um Congresso Académico em Lisboa, Porto ou Coimbra onde se devem reunir os estudantes de todo o país.

Fundação da Federação Académica Nacional, cujas bases devem ser lançadas no Congresso Académico.

Estudantes do Porto, caminhemos bem na frente, para termos o direito supremo de exigir que seja a nossa cidade o primeiro ponto de reunião de todas as capas negras do país.

Caminhemos sempre, bem na frente, e ponhamos a nossa esperança na frase do Grande Mestre:

"A Alegria e a Bondade sejam a branca armadura do vosso leal combate".

O MEU RISO...

Eu rio de quem passa, em doidas gargalhadas
E ás vezes o meu riso enobre o meu sofrer;
Rio de ver chorar as almas desgraçadas
E rio-me de ti, porque me estás a ler.

Tive sempre na boca um riso de ironia
Capaz de fulminar teu coração canalha.
Ri de mim e verás que esse teu riso um dia
Tem no meu um sorrir cortante de navalha.

Nos labios tenho até um riso de má sorte,
De mágua, de tristeza e dor, onde afinal
Sepulto com loucura o rir de muita gente!

No derradeiro adeus, de braço com a morte,
O meu riso há de ser a máscara brutal
De quem passou a vida a rir cinicamente!...

ABILIO DE POMBEIRO
(Aluno da F. de M.)

ANTONIO CÂNDIDO

QUIZERAM os estudantes do Porto associar-se nobremente ás homenagens de sentimento que, de todos os pontos do país, se endereçaram á memória do eminente tribuno, logo a seguir ao seu desaparecimento.

António Cândido amou profundamente a mocidade das escolas. Entre as manifestações que se lhe dirigiram, por motivo da consagração de Março, a dos estudantes enterneceu-o até ás lágrimas. Levou para Candemil as suas mensagens, e contava aos seus melhores amigos como essa homenagem o sensibilizou, pela porção de delicadeza, de sinceridade e de emoção que revelava.

Essa mensagem era um dos seus melhores títulos de glória.

E é justo que os estudantes sintam também neste momento o seu desaparecimento. Ele pertenceu ás melhores gerações académicas; foi um dos professores mais ilustres, e, pelo poder incomparável da sua eloquência tribunicia, acompanhou as grandes camadas intelectuais, exercendo o mais raro poder de sugestão sobre as almas novas.

A sua palavra foi a mais pura e alta vibração. Espalhou beleza e enternecimento, singelamente, sem enfase, sem aparato, como se a própria harmonia verbal fôsse a mais espontânea e a mais limpida derivação da sua alma.

Falava pouquíssimo, e nunca aparecia na tribuna sem ter alguma verdade a proclamar. Tinha horror ás expressões triviais.

Como os grandes pensadores e os grandes artistas, tinha um fundo de melancólico, sem deixar de ser um temperamento

de optimista. Os seus hinos ás alegrias da vida revêem lágrimas; mas há sempre na sua filosofia uma natural conformação com as dores e as desgraças mais cruéis.

Quando procurava interpretar alguns dos mais formidáveis problemas sociais, encontrava constantemente para elles uma solução generosa.

Era a bondade a guiar-lhe o pensamento pelo melhor caminho. Se quizesse, podia ter sido um grande filósofo e um admirável poeta.

Preferiu ser um artista de palavras definitivas e lapidares.

Mas o fundo do seu temperamento lírico irrompia a cada momento, em rajadas de elevação e de sonoridade.

Depois, apagava-se na sombra, e punha-se a duvidar de si mesmo.

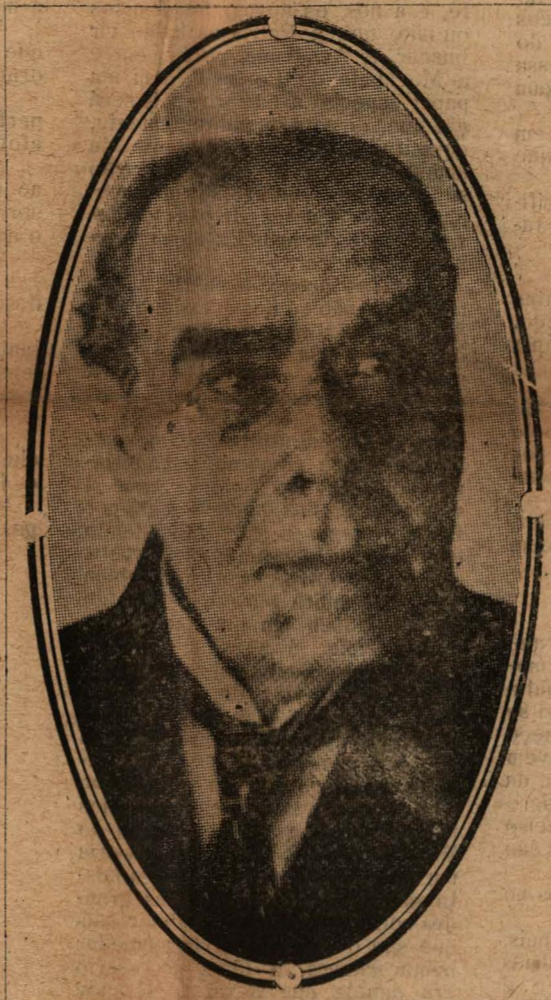
Se a mocidade das escolas analisar algum dia a obra deste orador extraordinário, há de reconhecer que ela, ao lado de ideias poderosas e de emoções raras revela, pela sua porção de vaga idealidade e de maguada ternura, de imaginação e de beleza, uma das características mais acentuadas da afeccividade nacional.

Foi um homem que falou surpreendentemente bem, porque sentiu e pensou quanto disse.

Quando o fizeram emergir do seu mutismo voluntário, as suas palavras foram ainda um nobre e alto depoimento moral.

Depois, procurou o refugio da montanha, nos contrafortes do Marão, onde pediu que lhe dessem a mais humilde das sepulturas, e acabou na graça de Deus.

JOAQUIM COSTA



Porto, Novembro-1922

O ORFEON ACADEMICO

A Academia do Porto trabalha com ardor afim de que sejam imponentissimas as homenagens aos aviadores, na ocasião da sua visita á nossa cidade. Ajudos elogios merecem alguns membros da Direcção da Associação dos Estudantes, que se não temem poupado a esforços.

O Porto Académico não pôde deixar de proclamar bem alto o enorme sacrificio que tem feito, a par de alguns membros da Direcção, o nosso digno regente dr. Clemente Ramos.

Não podemos também esquecer o reorganizador da Tuna Académica, o Presidente da nossa Associação, nosso ilustre colega, Modesto Osório, que sempre encontramos alegre, embora na sua alma sincera de académico passem umas nuvens negras, que devemos tomar como indicadores do seu enorme desgosto, vindo o desprezo a que é votada a sua obra por muitos, que tinham obrigação de o ajudar.

Mas pôde o Modesto Osório contar com o esforço bastante humilde e incondicional de todos aqueles que trabalham no Porto Académico.

VICENTE RISCO

DUMA personalidade do maior destaque no meio intelectual da península o eminente escritor Vicente Risco, recebemos a seguinte carta que nos enche de alegria, pelo carinho que revela por nós e por Portugal.

Ex.^{mo} Sr. A. G. dos Santos Nobre, Director do "Porto Académico".

Moi estimado Sr. noso: Com fonda ledicia recibimos e agradecemos a visita do "Porto Académico", unha proba mais do erguemento da Patria Portuguesa, no que temos pôsto tantas esperanzas cantos amamos á Portugal, non como cousa allea senon como cousa nosa.

Nós, que como vós, traballamos polo erguemento da nossa patria, a Galiza, irmã de Portugal en Terra, Raza e Lingoa, embora menos fortunada, xa que a presión allea lle non deixa desenvolver canto poidera a sua cultura propia, temos que ollar o vosso esforzo com simpatia fraternal, e eu, particularmente, homilde profesor e como vos estudante, mais hei amar a vosa empresa por ser empprendimento de mocidade. E ademais recibimol-a visita de "Porto Académico" c'unha grande esperanza no peito, porqu'agardamos ter n-il un colaborador na nosa intencion de restaurarmol-a vella comunidade de cultura galaico-portuguesa, que na Edade-Média erguera o grandioso moimento dos Canzoneiros, e comunicar a Hespania a groriosa tradicion da raza céltiga nos inesquecible Libros de Cavalerias.

Facede, pois qu'esta non sexa unha vá esperanza nosa: xuntádevos a nós n-esta empresa dina da mocidade estudosa dos dous países que son un na Terra, no Sangue e na Alma. Recibide o saudo fraternal de "Nós", de cantos n-il traballan e a esta obra conságran o seu esforzo, e o particular, Sr. Director do seu confrade que s'oferce seu servidor e amigo.

Vicente Risco

Tambem nós sabemos muito bem os estreitos laços de fraternidade que, pela cultura, territorio e raça nos unem á gloriosa e amavel Galiza de Pondal, Curros, Campoamor, Cabanillas, da grande e eterna Rosalia e de Vicente Risco, director de Nós.

HORAS MORTAS

Horas da noite alucinantes, vagas,
Quando o Sonho p'ra Terra vem descendo
Horas de Morte, tristes, povoadas
De sombras, que eu adoro e não entendo.

Quando o Silêncio mais o Sono desceem
Por tua casa, negros como arqueiros,
E em mini'alma quasi se falecem
Da Mocidade os haustos derradeiros;

Vou errante, na Terra caminhando,
E dentro em mim o coração sangrando
No mal de te amar - que não tem cura!...

Depois... caminho sempre... e peço a Deus,
Que me mostre outra vez os olhos teus,
E me mande baixar á sepultura.

VAZ CRAVEIRO
(Aluno da F. de M.)

Porto
Jorge Vieira Osório
Galiza Porto, 95

LUVA BRANCA

A CRISE MORAL DA ACADEMIA

A MINHA CARTA

Vocências já ouviram falar nas «Linguas de Esopo»? Conhecem a história que deu lugar ao emprego de semelhante frase? Não? Pois então vou contá-la:

«Um dia o filósofo Xantus tendo convidado um grupo de amigos para um soberbo banquete, ordenou ao seu escravo Esopo que comprasse no mercado, tudo quanto houvesse de melhor. Esopo embarçado com a escolha, disse consigo mesmo:

— Eu te ensinarei a especificares o que desejas, sem te entregares á discrição dum escravo.

E pensando assim, comprou somente linguas que fez cosinhar de todas as formas possíveis. Os convidados acabaram por se desgostarem; então, Xantus chamou o frígido e disse-lhe: Não te ordenei que comprasses o que houvesse de melhor?

— E acaso haverá alguma coisa melhor que a lingua? Ela é o órgão da verdade e da razão, a chave das sciencias, o laço da vida civil; ela preside a tudo quanto é bom e belo.

— Pois bem, replicou o filósofo, amanhã darei outro banquete a estes meus amigos e como quero variar, só nos servirás o que encontrares de peor no mercado.

No dia seguinte, com grande surpresa dos convidados e de Xantus, que pretendia embarçar o seu escravo, Esopo fez servir unicamente linguas, dizendo que a lingua é a mãe de todas as questões; a causadora de todos os processos, divisões e guerras. Que se ela é o órgão da Verdade, é também o do erro e da calúnia; enfim, é a peor coisa que há no Mundo.

Pois bem, em paga de terem lido esta verídica história, vou ter o prazer de lhes oferecer um pratinho de «Linguas de Esopo».

Na última reunião da *A. dos E. do P.*, houve cavalheiros (?) que acharam exagerada a quantia de 30 escudos com que tiveram de contribuir para a ida do *O. A. à M.* Com efeito, estes senhores teem caradas de razão. Viagens, hospedagem em *M.*, sarás no *P.* e em *B.* (onde também tiveram um lauto jantar) por 30 escudos é muito, muitíssimo!

«Vão roubar lá fóra, isto não é o pinhal da Azambuja! A *As.* é que ainda lhes devia dar uns centos de escudos por terem ido; organizar um sarau e um banquete em sua honra e se fosse possível erigir-lhes um monumento em gesso ou barro.

Que isto sirva de exemplo aos infatigáveis trabalhadores, verdadeiras almas da nossa *As.*, os distintos académicos *M. O., M. G., B. R., M. L.*, e a todos aqueles que num esforço supremo, titânico, conseguiram dar vida a uma agonizante e tornar conhecida no *E. x.* a academia do *P.*, aproximando d'este modo as duas nações irmãs.

Quando saiu o 1.º número do *P. A.* e mesmo antes de elle apparecer, já por aí andava sua ex.ª a Má Lingua dizendo coisas do ardo da velha. Estavam no seu papel os boateiros, papel tão ridiculo como cobarde. Certamente estes que falam agora são aqueles conscienciosos (?) académicos que acharam muito dinheiro os 30 escudos da ida a *M.* e se queixam do pouco trabalho da *D. da As.*, mas não foram assistir á reunião em que essa *D.* foi eleita. Certamente, são ainda estes o que em toda a parte deixam ficar mal a *A. do P.*

O prazer d'elles consiste, única e exclusivamente, em tudo trocar, em dizer mal de tudo. Mas um dia há de vir — já não vem longe! — em que ajustaremos contas com essas víboras peçonhentas.

Até lá, porém, temos de nos calar e dizer como *J. C.*, quando crucificado entre os dois ladrões: «Perdoai-lhes, Senhor, não sabem o que fazem»... «E o que dizem!»

Há dois dias o carteiro trouxe-me bastante correspondência. Entre ella, havia uma carta de mulher. Papel «Marie», ligeiramente perfumado. Letra inglesa; por assinatura a palavra *Amorosa*. Todas as mulheres que conheço são amorosas, mas *Amorosa* não conheço nenhuma.

Numa palavra: mistério a resolver! Nessa carta, e é isto que quero frisar, a gentil donzella (não sei se me engano no adjectivo ou no substantivo!) principia por me felicitar pelo exito do *P. A.*; confessa que o acha muito bem apresentado e acaba por dizer, cheia de mágoa, que ficou admirada de não haver no nosso jornal uma secção que fallsse ao coração das mulheres.

Efectivamente, ainda não há tal secção, mas se a gentil *Amorosa* quer, mande-me a direcção que eu irei falar-lhe. E desde já lhe prometo que se não conseguir falar-lhe ao coração, falar-lhe-hei, pelo menos, ao ouvido.

Ora vá, mande-me a direcção!

Falando de senhoras occorre-me perguntar ás alunas da nossa *U.* porque motivo não nos dão o prazer de colaborarem no *P. A.* Geralmente as mulheres teem o dom de escreverem admiravelmente, e sendo assim qual a razão de ainda não possuímos colaboração das nossas colegas? Não sei se terão facilidade em tratar de assuntos patrióticos (e isto porque desconheço o patriotismo das minhas colegas) mas no campo do sentimentalismo devem ser mestras admiráveis! Não basta serem bonitas, andarem no rigor da moda, escreverem revistas (mesmo quando se trata dum «quatuor sufragista») para cumprirem o papel de estudantes da nossa *U.* Portanto, é preciso que o elemento feminino venha colaborar connosco, pois as mulheres são a luz do nosso lar... e o nosso lar é agora o *P. A.*!

E depois em todas as *F.* ha verdadeiros temperamentos artisticos no elemento feminino.

Sem ir mais longe, reparem nas primeiranistas da *F. S.*; rostos divinais, olhos fascinantes, mãos de fada, isto é, caracteres de verdadeiras almas artistas. E eu sei que entre ellas ha poetisas sentimentais como *D. S.* e *L. V.*; adoráveis artistas de declamação como: *M. L. B.* e *M. A. P.*, esse célebre Zacarias, compêre da revista «E não offende...» possuidora duma vozinha aflautada e irritante mas onde predomina a vocação artistica. E como estas, muitas outras! Nenhuma, porém, escreve e o *porquê* subsiste no meu espirito. Comtudo, as primeiranistas, teem uma desculpa: a falta de delicadeza que teem encontrado da parte de alguns académicos que só vendo nelas *C.* esquecem que as devem tratar e respeitar como Senhoras, como elementos do sexo fraco. O diabo, forte é que elle é! Sim, porque as mulheres — eternas charadas! — resistem aos nossos olhares e nós — pobres mortais! — raramente resistimos a um simples olhar feminino.

Começaram os ensaios do *O. A.*! Isto quer dizer que o doutor *C. R.* vai novamente suar e pedir aos «seus rapazes» que tornem grandioso o nome da nossa *A.* para honra e orgulho de todos nós!

O 1.º espectáculo fará parte, segundo dizem, das festas em honra dos *Ar.* Depois, parece que o *O.* tenciona ir a *B. na*. Bom será que assim seja pois estas visitas do nosso *O.* ao *E. x.* só servem para nos dignificar e demonstrar que os estudantes do *P.* sabem cumprir simultaneamente o dever de académicos e portugueses.

Ouvimos também falar num sarau de homenagem ao dr. *C. R.* e á *D. Ar. do O.*

O nosso maior desejo será ver realizado tal espectáculo e se para qualquer cousa o *P. A.* fór preciso, creiam que teremos grande prazer em poder contribuir para essa homenagem que não representa uma atenção da parte dos senhores *orf.* mas sim uma obrigação.

M. F. o orador official da nossa *A.* anda empenhado na realisação do *C. A. co.* Este *C.* que deve trazer-nos grandes regalias, era nosso fim incluído, como um dos numeros, do programa da chamada *S. A. ca.* que o *P. A.* tenciona organizar dentro de breves mezes e para o qual conta com a adesão de toda a *A. do P.*

E como principiei por uma historia quero também acabar com uma cena passada em terras de «manton e manilla» quando da visita do nosso *O.* á cap. esp.:

Era á volta de *M.* O comboio parára em *M. del C.* Alguns académicos deixaram o comboio com ancia de verem, pelo menos, uma *Manola* de lábios vermelhos como papoulas e olhos apaixonados, dolorosos como os da *Virgem de Murillo*. Então, entre dois estudantes, travou-se o seguinte dialogo:

— Foste lá fóra? Que descobriste?

— Nada!

— Hein?

— E' o que te digo! Sem luzes como querias tu que eu descobrisse alguma cousa?

— Ora adeus, Vasco da Gama também descobriu a India e não devia ter muitas luzes pelo caminho.

Que tal o sabor destas «Linguas d'Esopo»? Um pouco azedas, não é verdade?

E contudo, desta vez, levei a delicadeza ao ponto de calçar *luva branca* para as oferecer a Vocências. Porém, se tanto fór preciso, tirei a luva, lança-la-hei ao rosto d'esses *maldizentes* e d'esses *cretinos* e farei minhas ás célebres palavras de Danton:

«Para os vencermos, para os aniquilarmos, que é preciso? Audacia, ainda audacia e sempre audacia!»

Porto — 922.

ALMA RUBENS.
(Aluno da F. de S.)

E' profundamente desolador constatar a indifferença com que a Academia do Porto — para não dizer de todo o paiz — tem encarado os mais graves problemas que no presente momento agitam a vida de Portugal.

A maior parte dos estudantes atravessam a sua vida academica ou numa doce *paz d'alma*, que faz correr horas após horas, dias após dias, com uma velocidade vertiginosa e numa monotonia esterilidade, ou então lançam-se numa vida turbulenta, num ridiculo *snobismo* boémio, perdendo o melhor tempo da sua vida numa inutilidade...

A's vezes no meio desta indifferença geral, desta corrida veloz atravez dos bancos universitários em busca do almejado diploma, ainda surgem algumas belas iniciativas, ainda ha quem tente levantar o nivel da Academia. Porém, em geral, nunca estas iniciativas fructificam, nunca as boas-vontades atingem o seu fim, devido á apatia das grandes massas academicas e á extrema desunião dos esforços.

E são tantas as responsabilidades que pesam sobre nós!... São tantas as dificuldades que nos esperam amanhã ao transpôr o limiar da Realidade!... Como é possível que não pensemos muito a sós com a nossa consciencia no quanto de criminoso tem tido a nossa inercia?

Lembre-mo-nos que entramos na vida num momento particularmente difficil da vida das nações, e que Portugal, o nosso querido Portugal, precisa de novas energias que o acalente, de entusiasmo que o galvanise, de fé que o anime, e que essa energia, esse entusiasmo, essa fé, é a nós, os nòvos, académicos ou não, que a Patria ha-de vir buscar. A Academia, porém, entre a Mocidade de Portugal, tem um papel especial a cumprir, pois será ella que, directa ou indirectamente, constituirá a classe dirigente de amanhã. Os direitos que a instrução superior nos confere são acompanhados de deveres, de pesados deveres, que de maneira alguma devemos esquecer.

Esta indifferença absoluta que se manifesta não só nos actos públicos da Academia, mas também dentro da sua própria vida interna, nada mais é do que o reflexo do comodismo que actualmente assola a sociedade portugueza. Cada qual procura viver num utilitarismo mesquinho, e nunca como agora poderíamos dizer como Spencer «que a maior parte dos homens teem por fim atravessar a vida dependendo o minimo de pensamento possivel».

Há outra causa que também contribui muito para o estado de insensibilidade em que tem vivido a Academia: é a falta de Ideal. Não é a esse Ideal semi-sentimental, semi-mistico, flor de lirismo que desabrocha em toda a alma móca, a que eu me quero referir. O Ideal que era necessario vir brotar pujante no seio da Academia, era esse conjunto de sentimentos que nos faz expandir a alma em busca do Verdadeiro e do Bom, que nos cria um estímullo nobre e uma vaga nostalgia quando pensamos nas grandes conquistas morais e intellectuaes que são o orgulho da Humanidade; numa palavra, o Ideal necessario era aquele que ditou ao Grande Corregio as suas célebres palavras: *Anch'io son' pittore!*...

Não basta que a Mocidade expanda a sua alma em sonetos e prosas liricas; não basta que alberguemos em nós um desejo infinito do Bello. Do que actualmente Portugal precisa não é de utopias nem fantasias, mas sim de pensadores, de homens de acção, de quem saiba encarar a Vida com tudo quanto ella tem de real.

A própria *A. E. P.* devia procurar orientar os esforços dos seus associados. E o papel duma Associação deste género, representante unica da Academia do Porto, não se deve limitar a procurar proporcionar maiores ou menores vantagens aos seus socios. Não tem uma mais alta missão a realizar, um papel de maior importância a cumprir: a coordenação de todos os esforços dispersos dentro da Academia e uma urgente obra de resurgimento académico. Todos os esforços neste sentido que dela não partirem serão forçosamente improficuos, pois lhes falta a autoridade que a Academia deopz nas mãos da sua representante legítima.

Uma obra de verdadeiro resurgimento académico pode parecer, talvez, uma utopia. Haja, porém, perseverança e força de vontade que as dificuldades aplanar-se-hão, os sonhos transformar-se-hão em realidades e as utopias mostrarão quanto continham de realidade.

E' necessario que a Academia, que tem estricta obrigação de representar um grande papel no resurgimento de Portugal, ocupe o seu lugar e que não deixe fugir os mais belos dias da sua mocidade, as mais ridentes horas da sua vida no letargo vergonhoso em que tem vivido.

Que diremos nós á consciencia quando ella amanhã nos perguntar: «Que fizeste tu em prol da tua Patria? Teremos nós coragem de lhe responder muito baixo e muito humildemente: Nada, não fiz nada!»

Colegas!... Estudantes do Porto!... E tempo de acordar!...

VASCO GIL.
(Aluno da F. T.)

Olhando com ternura as flores que vou mandar, fantasia na minha alma um encantado ambiente, cor de rosa, que as vai cercar numa serenidade sentimental, tornando-as mais belas na sua extrema simplicidade, enchendo-as de coragem para seguirem o seu caminho, buscando além, num regaço carinhoso, o perfume estonteante e comovente como o adeus duma noiva, doce como as caricias maternas, delicado como a saudade, enternecido como a lembrança mais querida, misterioso como o sorriso mais divino.

São pequeninas, são muito humildes, mas nas suas pétalas coradas pode lêr-se o polido agradecimento pelos sorrisos que vão merecer.

E estes sorrisos, misteriosos como promessas de amor, rutilantes como a sublimidade de um cántico, são outras flores, mais lindas ainda, talvez, por envenenar a existência das primeiras.

Além, numa janela, mãos femininas sustentam um lindo ramo de violetas, quando ao fundo da rua apparece o rosto dum apaixonado.

As modestas violetas, vítimas do Amor, separam-se como por encanto, caem no peitoril e olham, chorando, as suas três irmãs que vivem ainda nas mãos pequeninas que as acariciavam. — São assim estas flores, cheias de castidade como uma oração, cheias de graça florida como somente possuem as creações da Natureza.

Atráz daquela casa de azulejos verdes, ha um pequeno jardim onde uma ninfa está cortando um malmequer. Ela vai agora, a passos lentos, desfolhando-o criminosamente; elle chora muito, decerto, mas os seus lamentos ninguem os ouve. Se ao soltar o ultimo gemido, o nome do moribundo ressoa na atmosfera perfumada, o pedestal que o sustentára durante a vida, é levado pela brisa sonhadora que vai cantando por toda a parte as mais apaixonadas canções, afirmando assim a sua inocencia.

Mas depois dum crime um outro crime; um outro malmequer cortado e desfolhado.

E agora o pedestal, mansamente, caiu no chão e foi coberto por um sorriso, por uma dessas flores que vivem tam pouco tempo, deixando atráz de si, quasi sempre, um mistério impenetravel.

Quantos que teem visitado o Jardim dos Sorrisos e voltam acabrunhados como se viessem dum antro de mentiras!...

Quantos que pensam ter encontrado o ultimo sinónimo de Desgraça!...

Quantos que vão pagar na solidão, com milhões de lágrimas, a simples meiguice dum sorriso.

Talvez porque não creio no Desánimo, embora adore muito as violetas e o malmequer, muitas vezes peço a Deus, ao meu Deus adorado, me deixe morrer entre um sorriso de creança e uma lágrima de mulher.

Um botão pequenino, depois uma linda corola aberta, eis o que é um sorriso, essa elegante flor de todas as estações, que nasce entre dois lábios cor de rosa e que nos seus poucos segundos de existência parece desafiar a Eternidade.

E' uma flor divina que desabrocha depois de um sonho, vive sonhando e morre a sonhar.

Vendo-a assim morrer, antes de ter murchado, a esbelta borboleta que viu a sua graça e não absorveu o seu perfume, murmura lindas orações como se fosse a um morto muito querido.

A abelha que buscava o mel, fuge aterrada e vai chorar entre o perfume do trevo e a graça das madresilvas, toda a tristeza da sua alma afogada em sonhos.

O próprio sol detem-se lá no pino a admirar a ingénua flor e quando ao crepusculo, elle, agonizante, vê ao longe a lua oferecendo-lhe um sorriso, esconde nas ondas de um mar revolto todos os pezares que o avassalaram durante o dia.

Benditas flores, tam pequeninas, que nasceram em terra tam sagrada — o marfim de brancos dentes — e que são muito mais lindas quando desabrocham entre dois lábios cor de rosa.

Recordo com saudade os tempos que já lá vão, os momentos passados junto ao ribeiro que corria mansamente, marginado de flores e em que eu lembrava o raio fulgurante que sentia entre duas nuvens que se tocavam e não temia o beijo ardente que brilhava entre dois sorrisos que se compreendiam.

E assim, ainda hoje, eu prefiro um ramalhete de sorrisos a um sacco cheio de ouro e não trocava uns lábios cor de rosa pelo sol resplandecente e loiro.

Sinto agora o meu coração a lembrar-me em segredo os tempos já passados. Elle fala lentamente e eu vou pensando:

O tempo que lá vai, não conseguin
Que eu olvidasse a noite de luar
Em que o meu coração ao teu pediu
Tanto amor que pudesse encher o mar.

O ribeiro lá vai sempre a cantar...
Inda te lembrás de quando elle riu,
Porque cheios de amor nos viu a dar
O beijo tam gentil que nos uniu?

Quero que seja o meu maior desejo
Com outro recordar o doce beijo
Que dei na tua boca tam formosa;

Já nem p'lo sol resplandecente e loiro
Eu trocaria o meu maior tesouro:
Os teus lábios risonhos, cor de rosa.

Ouvindo estas palavras, continuo olhando as flores que vou mandar e fantasia para ellas um ambiente cor de rosa, que as ha-de encher de coragem para seguirem o seu caminho, buscando além, num regaço carinhoso, o perfume estonteante e comovente como o adeus duma noiva, doce como as caricias maternas, delicado como a saudade, enternecido como a lembrança mais querida e misterioso como o sorriso mais divino.

SANTOS NOBRE
(Aluno da F. de S.)

COMO ELAS SE ARMAM...



— Adorada! Como é t-jiste viver só. No meio do luxo que me rodeia, só amo a luz que me ilumina porque me lembra a do teu olhar, tão languido e tão doce...

O ROMPIMENTO MASCARAS PELOS TEATROS

AMORES...

AO ARMANDO LUCAS, de Medicina
AO TITOLIVIO MOTA, de Letras

Mas o Coração, num afincado taximétrico de obstinado, apenas monologava:

—Nã...o, nã...o—
Ia, sem dar por isso, deambulando entre florações exóticas de loctus rubros e aromas indús de cianomomo e verbenas. Cérebro, ouvindo o panorama polifónico das horas passadas; e voltou-se a modos que mal-humorado porque o seu quase-rival ia atrás d'ele a campainhar aquilo, como um relógio catalogando minutos, e interrogou-o acerbamente:

—Mas não é que? A modos querias a sua humilhação de escrava, dela que nunca te pertenceu!...

Mas o Coração, obstinado sempre, apegado ao seu propósito, taximétricamente, seguia atrás d'ele a repetir o seu único monossílabo:

—Nã...o, nã...o—

Paciente, esperou-o o Cérebro assentado na rocha escavada do crânio, enquanto que se inclinava, perto, o Coração na alfombra quente e macia dos pulmões, pôs-se a filosofar assim:

—Porque há-de sempre ter despeitos para comigo, ingrato? Procura ser razoável. Ora diz: não tenho eu sido tão condescendente contigo a pontos de me deixar guiar pelas tuas utopias? E tu, já alguma vez condescendeste comigo?

E o Cérebro pôs-se á escuta da resposta, ávidamente, como um caçador cauteloso. Mas o Coração, na sua casita cretense-rouge da arca do peito, negativista e obsecado, repetia apenas, pendularmente:

—Nã...o, nã...o—

—Para que a procuravas? Calavas-te a instantes, perplexo e exangue, quando a vias alguma vez. Tu é que sonhavas com ela. E eu a dizer-te a cada momento: não tenhas ilusões, meu troveiro gentil; ela é toda espírito, toda sensibilidade... E tu, respondias...

—Nã...o, nã...o—

—Exactamente como agora. Porquê? Porque a viste dar esmolas a mendigozinhos róticos, certas tardes plácidas, ao cair do sol...

A primeira vez que quiz convencer-te do contrário, batestes para aí desordenado, locomotivamente, numa correria de louco. Para quê? Não te disse eu que venceria por ti? Tinhas ainda ciúme...

—Nã...o, nã...o—

—Tinhas, não negues. Há-de ver sempre as coisas muito lá á tua moda.

Que sabes tu da vida, meu poeta decadente? Vens-me que a saúde é um passado morto a viver dentro de ti... Olha que me tenho dado a decorar os teus pensamentos de romântico...

«O amor é a única e axiomática aceção da vida. De coração a coração, por longínquos que estejam, vai distância menor que o comprimento da escada de sêda de Romeu...»

E olha a que distância que estás do coração dela, ingénusito!

«Para a luz dos olhos duma mulher não há leis de astronomia nem de ótica. Apaguem-lhes as luzes. Eles continuarão, telegrafos-morse da alma, S-O-S, S-O-S, pedindo socorro ao coração que procuram...»

«O oxido de ferro-magnético atrai os metais. Mas ninguém viu o iman atrair o iman.

Os teus olhos atraem os meus olhos; e ninguém viu o iman atrair o iman.»

Depois, por certa noite amarga viste-a chorar. E viste com outro:

«Deus fez a fonte para o regato, e os regatos para os rios, e os rios para o mar, e o mar para a ideia do Infinito. Para que faria Deus tão pequeninas as lagrimas da mulher? Uma lagrima pode encarcerar um infinito de sentimentos; e, contudo, Deus fez o mar para a ideia do Infinito!»

«E lá sabias tu de que eram aquelas lagrimas!

«Que de ganhos obtiveste em assim sentir, meu poeta decadente? Se não estou em erro foi a ti que um doutor pediu um «autografo» de pulsações. Apresentou-te papel fumado e, por pena, o bico e dum aparelho. E tu dissete suspirante, que eram doutras as tuas «pênas», citaste as de Fernando Caldeira, e traçaste afinal umas garatujas de futurista...

O doutor, enquanto que fixava o «escrito», em goma-laca, dizia que tu, positivamente, não estavas bom; e não estavas...

O Coração, mais vagaroso nas falas, teve uma pausa antes de responder. Mas foi, daquela vez, ainda monossilábico, pendular:

—Nã...o, nã...o—

«E eu que sei porquê! Ilusões!

Quando eu pensava coisas que lhe dizia, tu eras um encantado trovador que desse a voz a outro para lhe dizer as cantigas. E quedavas-te assim a modos que enfeitado, coração erguido como um sacrdote de altar. Génio! Via-me ela só a mim, falava-me a mim só! E obrigaste-me a romper com ela, fizeste que lhe dissesse o que nenhum de nós sentia, e agora repetes a cada instante, como que a convencer-te a ti mesmo, esse não, não, de que a não amas já.

Não venhas mentir-me a mim que te conheço, meu amigo. Desde então que andas á cata de novos sonhos que não encontres. Estuda, estuda-te nas proporções quantitativas de hemoglobina; e faz, como eu que a não lembro mais! Tu andas sempre a sonhar com ela...

O Coração calou-se. E o Cérebro, sem querer estremecer o silêncio, disse com a voz calada, apenas de para consigo:

—Quem cala...

Assentado na frieza rochosa do crânio, o Cérebro ficou-se a scismar dolorosamente nessa mulher. Ganhara ainda uma vez o Coração: mas que culpa era a d'ele de viver no seu século progressista, de ter instalado o telegrafo receptor dos fenómenos telepáticos? Alegrava-o ao menos que o seu rival...

E o Coração clamou mais alto, mais forte, monossilábico:

—Nã...o! Nã...o!

Coimbra, Outubro de 1922

CELESTINO GOMES
(da F. M.)

SUICIDIO MODERNO



—Se não aceita o meu amor, suicido-me!
—Meu Deus! Mas como?
—Estudando... anatomia.

1918—(Inédito)

ABILIO DE POMBEIRO
(Aluno da F. de M.)

INSTANTANEO

...E todas as madrugadas a Maria de olhos traquinos e tez morena vinha para o quinteiro esperar o seu namorado e aí, durante longo tempo, entre beijos e caricias, segredava os seus queixumes e as suas alegrias.

Espalhou-se na aldeia um borborinho que punha em má situação a rapariga. Ninguém conhecia o vulto que, depois da meia noite, aparecia do lado da igreja e todos os rapazes afirmavam que o conversado não era daquelas arrecondadas. Os paes da cachopa principiaram a inquietar-se, com as palavras zombeteiras que ás vezes lhes dirigiam. Eles, bem sabiam que a rapariga tinha o seu namorado — fruta do tempo — mas nunca a viram falar com nenhum rapaz, no adro, depois da missa.

Novênas de maio. O altar da Virgem cobria-se de rosas perfumadas, de rosmaninho e d'alfazema. E todas as tardes a Maria de olhos traquinos e tez morena lá se ia ajoelhar na ermida d'ela para entoar canticos á Virgem Santa que com um sorriso eterno abençoava aquelas lindas raparigas, filhas da brisa e dos campos. Principiava a novêna: O senhor abade ia lendo, aqui e além, lições de crença e de amor que todos ouviam atentamente.

E a Maria estudava os gestos, as maneiras e o sorriso daquele homem que abraçava o celibato para viver com Deus, apenas com a crença. Ás vezes chorava; uns soluços abafados enrubesciam-lhe o rosto. E conservava-se fitando o soalho até ao fim da novêna. A seida, nem mesmo olhava aquela Virgem sorridente entre rosas, rosmaninho e alfazema.

E todas as madrugadas, lá ia sorratamente esperar o conversado. Numa noite, êle chegou embuçado no seu capote e, tomando-lhe as mãos depois de a beijar, segredou-lhe:

—Sabes que venho seguido? Meti pelos atalhos do Outeiro, desnoiteando assim o meu perseguidor. Não devo, porém, demorar-me para meu e teu bem.

—Não, meu amor! Não penses já. Ainda mal senti os teus labios que me dão vida... Exijo os teus beijos porque nêles me perdi e nêles quero viver. Não vás! Alguma coisa agoirenta adivinho.

—E se me descobrem? Tontinha, amanhã eu voltarei; tenho que partir. Adeus.

E num beijo prolongado ficaram enlaçados. De repente um lódo girou pelo ar e foi cair em sucessivas pancadas sobre os dois amantes, sempre enlaçados num beijo d'amor.

A ti'Zéfa, á voz do homem, correu de candeia na mão; o velho, trémulo e desgredado, rouquejou:

—Ovi tudo, mulher. A môça estava perdida; vingui-me! Chegaram ao quinteiro; quando a ti' Zéfa alevantou a candeia, viu ainda dois vultos abraçados e por terra, num arranco de morte e mergulhados em sangue. O velho inclinou-se e, abrindo muito os olhos, gritou, num rapido movimento de espanto:

—O sôr abade!... Uma gargalhada alvar ecoou pelo silêncio da noite.

Amanheceu. O sino da igreja, em vez de chamar para a missa, dobrava a finados.

E, no outro dia, aquela cachopa de olhos traquinos e tez morena lá foi com o conversado para o cemitério de ao pé do monte. Ao passar o acompanhamento, o velho de cabelos desgredados e olhar louco, gritava junto ao quinteiro:

—Oh sôr abade! Sôr abade!...

Anuncia-se a abertura de outro teatro da Invicta mas infelizmente com uma companhia de revista e opereta (?). O público—aquele que outrora ia aos teatros três ou quatro vezes por semana, e hoje os frequenta diariamente, sorrindo alarvemente numa cena dramática, tossindo e bocejando num diálogo primoroso e dando palmas e pedindo "bis" numa cena pornográfica e reles — anda por aí radiante de prazer porque vai ver: Revistas.

Em França, pelos fins do século quinze, o clero criou, inventou as «Moralidades», espécie de sátira alegórica personificando os vícios, as virtudes, costumes, etc.

Foi da criação destas sátiras que nasceram as chamadas «Revistas do ano» que entre nós alcançaram grande sucesso pois eram escritas por mestres como D. João da Câmara, M. de Mesquita e ultimamente Eduardo Schwalback.

Pois bem, ao que outrora se chamava «Moralidade» devia hoje chamar-se não Revista mas sim Imoralidade!

Há contudo excepções, pois de vez em quando, aparece nos nossos palcos uma Revista digna de ver-se e ouvir-se.

Cá para mim quando os réclames só falam dos cenários, guarda-roupa e do corpo das mulheres, palpita-me um fiasco e dos grandes.

E se não chegassem os exemplos que temos tido ultimamente entre nós, bastava recordar que Horácio nas suas Epistolas já dizia que o prazer do teatro «passára dos ouvidos para os olhos».

E, meus caros, é um facto, a Vida repete-se; Ontem como Hoje, Hoje como Amanhã... E até outro dia!

SÁ DA BANDEIRA

Coração Cégo — 4 actos de Martinez Serra.

Peça: 1.º acto, regular; 2.º sofrível e seria bom se o autor não lhe tivesse introduzido a personagem ridicula da professora; 3.º, o melhor de todos; 4.º, quasi bom.

Desempenho: Aura no 1.º acto um pouco afectada e mui-

to pintada; no 2.º, bem; no 3.º admirável; no 4.º, bem. (E' tão bom fazer elogios!)

Adelina: bem, mas não como devia ser uma artista da sua categoria.

Rosa Cadete na Cecilia agradeceu-me. Temos mulher! As outras riram, disseram coisas e mostraram «toilettes».

Sacramento: merece um bravo! Parabens.

Alves da Silva: como sempre, correcto.

José Soares: defende-se com galhardia.

António Melo, no Octavio... mal, muito mal, o que me admirou.

Os outros conseguiram que a peça não desagradasse por sua culpa.

Homem da Cadeirainha: adaptação de Luis Palmeirim.

Peça: Aquilo não deve nem pode ser uma adaptação porque é uma palhaçada e demais a mais de assunto vulgar. Repetições constantes de frases; calão na baila, saltos, pulos, trambulhões, um homem a cavallo numa vassoura, etc., etc. Sobre teatro!

Em toda a peça há uma cena boa — o final do 2.º acto; e somente três personagens com razão de ser: Sir James — o fleugmatico inglês; Pedro, o estudante «com belo aspecto e belas côres» e Irene, a graciosamente apaixonada.

Desempenho: Alexandre Azevedo no Sir James foi Mestre, provou pertencer aos nossos ARTISTAS. Atravessou toda a peça com delicadeza e Arte. No final do 2.º acto criaria nome se já não o tivesse!

Aura — muito bem na Irene. José Soares — acertado no Pedro.

Adelina — muito sogra e muito exagerada. De bom, apenas a caracterização.

Oscar Soares — numa camisa de 11 varas no papel de Americo.

Lyda de Almeida — assim, assim.

Rosa Cadete — regular.

Olavo Barros — ridiculo em tudo!

Cenário sempre o mesmo que não é mau; e o publico rindo como quando ia ver ali ao Circo o Rico e Alex.

Eis as impressões de

P. G.
(Aluno da F. de S.)

DESPORTOS

Para começar...

A falta duma secção desportiva no nosso jornal, um jornal academico e portanto um jornal de gente môça, seria não só uma grande lacuna, mas mostrava tambem que a cultura física não nos merece a consideração que por ela realmente temos.

Ainda que não tratemos aqui dos assuntos desportivos com o desenvolvimento que lhes pode dar um jornal de especialidade, esforçar-nos-hemos por escrever sempre com justiça, não nos limitando ás informações, mas procurando por meio da nossa pena crear adeptos para a causa que nos propomos defender. Mas ao mesmo tempo, condenaremos os excessos que a maioria dos nossos homens de desporto praticam, ávidos de glória, com o único fim de se salientarem, metendo-se a provas quando não tem condições físicas para isso, ou tendo-as, vão para elas

sem a devida preparação, fazendo esforços verdadeiramente brutais. Basta assistirmos a uma corrida de fundo, de pedestrianismo ou natação para verificarmos isto.

É praticando o desporto, mas regrado e metodicamente, que crearemos para a Pátria homens fortes e não com estas brutalidades donde resultam sempre consequências muito funestas para aqueles que as praticam.

Não podiamos terminar sem saudar-mos os semanários «Invicta Sport» e «Sporting» que tão brilhantemente vem fazendo propaganda do desporto, saudando igualmente os jornaes diários, que nas suas secções respectivas nos informam do movimento desportivo do Porto, bem como do que mais importante se passa pelo paiz fóra.

SILVEIRA RAMOS
(Aluno da F. de S.)

DR. AARÃO DE LACERDA

Tem causado muito agrado entre a nossa Academia a noticia de que ia colaborar no «Porto Academico».

Com effeito no proximo numero publicaremos um artigo do eminente professor com o titulo «Universidade Nova».

Aproveitamos a ocasião para felicitar este nosso Mestre pela sua nomeação de professor do Conservatorio de Musica do Porto.

A' IMPRENSA

Agradece a Redacção do «Porto Academico» as lisongeiras referencias que ao nosso jornal, fizeram nas suas columnas, aqueles grandes representantes da Imprensa Portuguesa.

PORTO ACADEMICO

Com a saída do presente numero vamos mandar cobrar as assinaturas correspondentes ao 1.º trimestre.

O PORTO ACADEMICO, jornal de maior circulação em todo o orbe terraqueo, recomenda aos srs. Academicos e Ex.^{mas} Familias as casas abaixo indicadas

Borges & Irmão

BARQUEIROS

Telefone, 302 — Endereço telegrafico: BORGIRMAO
64 a 67, R. Bomjardim—PORTO—57 a 59, R. Sá da Bandeira

AGENCIAS

LISBOA RIO DE JANEIRO
1. P. do Municipio, 3 Rua da Alfandega, 24
44. P. do Arsenal, 46 Caixa numero 1.196

GRANDES ARMAZENS

Montes Herminios

461, R. Fernandes Tomaz—PORTO

Uma semana de liquidação geral a preços baixos!

LÁS DO POVO, em riscos ou xedresinhos para vestidos de senhora e creança, grandes saldos para 2\$750. LÁS FINAS para toda o genero de vestidos, saldos para 10\$, 9\$ e 7\$000. LÁS ESTAMBRE, em padrões de fantasia, saldos para 19\$ e 16\$500. LÁS ESCOSESAS, em cores lindas e padrões de novidade, metro 10\$000. BAETAS, fortes e de pura lã, valendo 12\$ e 14\$, saldaram-se a 8\$000. CASIMIRAS para fato, saldaram-se colecções para 20\$, 15\$, 12\$ e 10\$000. CASIMIRAS para sobretudos e casacos de senhora, saldos para 25\$, 20\$ e 17\$500. COBERTORES mescla, bom tamanho e qualidade, que saldamos em dois lotes a 14\$ e 8\$500. COBERTORES finos desde 7\$500. COLCHAS e ATOALHADOS, sortimento enorme que liquidamos com grandes abatimentos!

PANOS e CASIMIRAS, proprias para capa e batina, metro 35\$, 25\$ e 20\$000. PANOS de noiva para enxoval, saldos desde 1\$950. BORDADOS suicos, grandes lotes, liquidamos a 1\$000. CHALES de agasalho, sortido unico, para saldar, desde 8\$500. FLANELAS aveludadas, em ramagens e cores lisas, saldos, desde 2\$750. RISCADOS fortes, grandes saldos que se liquidam desde 1\$750. FANTASIAS de algodão para vestidos, saldos para 3\$800 e 3\$400. MEIAS para senhora e PEUGAS para homem a 1\$200 e 1\$000. LENÇOS de fantasia para homem e senhora, para 1\$200 e 800.

CENTRO DE LANIFICIOS DO PORTO

Bastos & Mattos em C.^{ta}

PANOS PARA CAPAS E BATINAS

PREÇOS AO ALCANCE DAS BOLSAS ACADEMICAS

Rua de Santa Catarina (Angulo da Rua de Passos Manuel)

PORTO

LIVRARIA

— DE

Fernando Machado & C.^a, L.^{da}

COMPRA
E VENDE
TODA A

QUALIDADE
DE LIVROS
NOVOS

E USADOS

OBRAS

NACIONAES
E ESTRANGEIRAS

Rua das Carmelitas, 15—PORTO

FABRICA MECANICA

(MOVIDA A ELECTRICIDADE)

Telof. 1717 Fundada em 1895

SACOS DE PAPEL

E CARTONAGENS

João Augusto Pereira da Silva & F.^o

138, Rua José Falcão, 150

Os vossos fatos

ESTARÃO SEMPRE NOVOS

se os comprades
na Casa DONAS
Da COVILHÁ

PORQUE

as suas fazendas
— de lã para —
SOBRETUDOS
CASACOS
F A T O S
VESTIDOS
ETC.

são de pura lã apesar de serem vendidos directamente ao publico por PREÇOS BARATISSIMOS ao alcance de todas as bolsas

Os fabricantes Donas, da Covilhã, são os unicos que tem um sortido completo de cosimiras em todas as qualidades e cores.

Depositos de venda a retalho

No PORTO: Rua de Fernandes Tomaz, 392-A
Em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 187-2.º

Para que todos leiam e saibam que

a **ROYAL-Foto** é o mais artistico atelier do Porto e a que melhores Esboços apresenta

1 duzia de bilhetes postaes artisticos 15\$00,
6 retratos carteira (novidade), 10\$00, 1 ampliação, grande formato, com caixilho, 22\$00

RUA DO BOMJARDIM, 268
(FRENTE AOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS)

CASA CARIOCA

Armazem de Secos e Molhados

(ANTIGA MERCEARIA FUNDADA EM 1818)

Mendes Guimarães & Irmão

IMPORTADORES DE FUMOS E DE GENEROS DE TODOS OS ESTADOS DO BRAZIL:

Carne seca, linguas do Rio Grande, camarão seco, pimentinhos, farinha Saruy, Mate, ARROZ IGUAPE, cangica, araruta, sagu, polvilho, fubá mimoso, tapioca do Pará, farinha d'agua, pirarucu, tucupy, azeite dendê, café Minas, Moka e todas as frutas: goiabada, rapadura, mariola de capote, abacaxi, caju, côco, manga, tamarinho, bananado, caju cristalizado, etc.

PARATY ESPECIAL marca "Pretinha", e LARANJINHA marca "Avenida Central", (registadas)

REPUTADAS MARCAS E EXCLUSIVAS DESTA CASA

Comissões — consignações

Vinhos finos, Cognacs, Licores e Champagnes
Grosso e varejo

474, RUA DO BOMJARDIM, 478 — Porto

Telegramas PRETINHA: — Usa-se o Codigo Ribeiro — Telefone, 1529

Livraria CHARDRON

CASA FUNDADA EM 1868

DE LÉLO & Irmão, L.^{da}

Casa editora das obras de Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Basilio Teles, Coelho Neto, Silvio Romero, José Sampaio (Branco), João Grave, Luis Murat, Guerra Junqueiro, Teofilo Braga, Euclides da Cunha, Abel Botelho, Tomás Ribeiro, Antero de Gental, Padre Antonio Vieira, Padre Manuel Bernardes, José Galdas, Flaubert, Renan, Haekel, Bachner, Darwin, Strauss, Shakespeare, etc.

FOTOGRAFIA GUEDES

A mais premiada
A mais preferida

346, R. Santa Catarina, 356

Casa Havaneza

REIS & FERNANDES, L.^{da}

126, Praça Carlos Alberto, 127

Casa fundada em 1867—PORTO

Tabacos Nacionaes e Extranjeiros—Loterias e Perfunarias

CAMIARIA OLIVEIRA

15P, PRAÇA DA LIBERDADE, 15

PORTO

Endereço telegrafico:

PORVIR

Telefone numero 625

Manuel Caetano de Oliveira & C.a Limitada

Papelaria, Tipografia e Encadernação

Largo dos Loios, 76—PORTO

Artigos para desenho
e pintura
Papelaria Modelo

Telefone, 723



ESTRELA POLAR

Daniel Augusto Bento

62, RUA DE SANTA CATARINA, 64

PORTO

Casa Especial de Artigos

Fotograficos e Sport

Bazar Fotografico

DE

Manoel Rangel & C.^{ta}, Sucessores

Rua 31 de Janeiro, 65—PORTO

PAPELARIA INDUSTRIAL

E TIPOGRAFIA

Sebastião d'Almeida

23, Largo do Carmo — PORTO

Completo sortido em objectos d'escriptorio e desenho. Especialidades.
Papeis de luxo. Carteiros e Bilhetes de visita.
Canetas de tinta permanente.

ANDRADE MELO, L.^{DA}

Relogios e seus
pertences

R. Mousinho da Silveira, 234

V. Viana, L.^{da}

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS DE MALHA

L. dos Loios, 47—PORTO

Estudantes:

Compre os vossos compendios de estudo na COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, pois é a casa que tem o maior sortido em livros escolares adotados para os cursos de instrução primaria, secundaria e ensino superior. Completo sortido de papelaria e Material escolar. COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA (Sucursal) — 123, Rua do Almada — PORTO.